

# Resenha

## PÓS-F: PARA ALÉM DO MASCULINO E DO FEMININO Fernanda Young, Leya, 2019.

Envio: 31/03/2020 ◆ Aceite: 21/04/2020

### Isadora Alencar



Economista, mestranda no Programa de Pós Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado na UEG

### Sarah Cabral



Arquiteta e urbanista, mestranda no Programa de Pós Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado na UEG.

Pouco acolhida pela crítica por sua figura estar relacionada ao meio televisivo, os escritos produzidos por Fernanda Young possuem temáticas recorrentes a atualidades em que são válidos de serem analisados não só em um meio crítico literário como também no ambiente acadêmico.

Vencedor do Prêmio Jabuti em 2019, sendo premiado postumamente, no livro Pós-F: Para além do masculino e do feminino, a escritora discorre sobre o debate do significado de ser homem e ser mulher na contemporaneidade. Denso, difícil e autêntico. É perceptível em suas páginas o motivo da autora ser considerada polêmica e/ou suspeita na esfera do feminismo; no qual consegue friccionar sua própria liberdade e, simultaneamente, tecer severas críticas ao feminismo. Em alguns trechos, estas críticas colocam Young em posição de desconforto como autora, dado que, utiliza sua coragem e liberdade que lhe é permitida na escrita, para expor de forma excêntrica suas convicções, de acordo com o cenário atual:

Pontuamos que o momento atual, aos poucos, concede à mulher o direito à representatividade literária. Esta conquista efetivou-se a passos lentos pelo decorrer de séculos. Hoje, quando a escrita feminina alcança alguma visibilidade, torna-se necessário voltarmos nossa atenção para um passado bem recente, no qual a mulher escritora via sua escrita cercada de impedimentos por todos os lados. [...] Isso ocorre no sentido de impedi-la de produzir uma escrita que fale de si mesma, sem necessitar de se fazer memória do outro (BASTOS, 2014, p. 18).

Em suas cartas direcionadas a diferentes entidades, Fernanda tenta mostrar verdades nuas e cruas da vivência. Com seu estilo próprio, junto a ilustrações e trechos de conversas, forma-se uma discussão calorosa ao leitor; seria o feminismo algo a ser superado? O machismo a ser desconsiderado? Que toda a discussão de direitos de gênero sejam ressignificadas?

Apesar da autora afirmar estar aprendendo e desaprendendo, como todos, admite que a liberdade deve ser isenta de rótulo, dono e padrão. Sem travas na língua, dialoga sobre a vida doméstica e a necessidade de algumas mulheres fingirem amar a vida de dona de casa. Nessa perspectiva, Young reitera que se submeter a tal *status* seria como abdicar-se de si mesma.

Como mulher e escritora, uma romancista no contemporâneo, por momentos nos faz perder na construção da personagem feminina que é representada no livro, que muito se assemelha com as *mulheres reais*. Young desenha a imagem feminina dentro de um espectro de subjetividade, em que a mulher é composta de traumas psicológicos decorrentes de seus amores, da cultura, da beleza, do corpo feminino, da erotização e da identidade:

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si (FOCAULT, 2012, p.46)

O discurso literário em Pós-F utiliza-se, portanto, de um vocabulário simples em que critica a realidade e assim se encontra diretamente junto ao leitor. Trazendo o livro para o contexto histórico e social do século XXI, a autora expõe, em oito capítulos, temas como a dificuldade de se “militar” a favor do feminismo, a descoberta do corpo, a sexualidade feminina versus o que seria o suposto assédio e os desejos relacionados à futura geração.

A primeira discussão a ser abarcada é pelo uso do termo feminismo, de se afirmar feminista, visto com certo mal-estar como todos os “ismos” da moda ocasionam ao serem usados como rótulos. A adoção do empoderamento, segundo a autora, se faz mais propícia por considerar que com o tempo a ideia de “feminismo” pode ser silenciada e esquecida, enquanto a abordagem de empoderamento ser mais promissora. A perspectiva apresentada é pertinente, visto que a ideia do empoderamento é uma ideologia mais em voga, referindo-se à mudança única e exclusivamente semântica, não alterando a estrutura social, apenas camuflando a mudança, dando a aparência de transformação sem que ela ocorra de fato.

Apesar de implicar com o termo feminismo, Fernanda ainda considera o empoderamento como algo cafona e reduzido, mas afirma que não cabe a ela uma análise sobre pensadoras feministas. O ideal seria todos terem liberdade para concluírem o seu próprio feminismo, visto que esse movimento não é feito somente por intelectuais, mas recriado por todas que, em sua incumbência, se negaram a dedicar-se em agradar.

Até que ponto podemos ser livres? Algumas brutalidades indesculpáveis acabam permitindo que Fernanda Young em sua adolescência e início da vida adulta sofresse algumas violências. A autora frisa em seu primeiro capítulo o alerta que o termo “permitir” ocasiona; uma menina não deve ser acusada de ser permissiva por ter sido violentada e agredida. Em uma espécie de autobiografia ácida, a autora exprime sua opinião de modo cruel perante um assunto pertinente como o abuso à mulher, que lhe foi tão vívida em sua vida particular quanto na realidade atual da vida de outras mulheres.

Em uma abordagem ousada, Fernanda tenta adentrar uma crítica à sexualidade referente ao corpo, abordando a transexualidade como questão a ser considerada minuciosamente. A autora acredita que a alteração de sexo costuma ser muito precipitada e que a sexualidade precisa ir além disso, expondo que, inicialmente, é necessário conhecer e habitar seu corpo, para posteriormente mudar de opinião acerca do mesmo.

Remetendo a uma problematização “Tudo agora é assédio”, no quinto capítulo do livro a autora constrói seu pensamento a partir do discernimento entre a falta de educação e assédio. Acredita que situações em que se categorizam como assédio são, na verdade, ignorância e falta de educação. Young expõe que o fato dela sofrer assédio tanto de homens quanto de mulheres, demonstra que o empoderamento crescente possibilita a mulher ser capaz de uma atitude descarada e teimosa:

Não quer ser chamada de gostosa, tudo bem, não quer. A pessoa finca um elástico na bunda e acha que aquilo é apenas uma expressão de seu desejo de ser daquela forma. Mas será que não está querendo instigar excitação no outro? Não existe aí o desejo de atrair por meio dessa condição? Desconfio que sim. Pode querer não escutar “gostosa” de qualquer um. Mas uma vez que estamos num país sem educação, onde, de uma maneira geral, se desrespeita o outro nos mínimos detalhes, seja esse outro mulher, homem, gay, trans, velho, criança etc., acreditar que não sofrerá alguma investida grosseira é compactuar com a ignorância (YOUNG, 2019, p.75).

Na parte final do livro, Young apresenta as conquistas de direitos feministas que, ao seu ver, apenas acumulou o papel da mulher tanto na sociedade, quanto em casa. A mulher, nesse contexto, é direcionada a padrões de vida e beleza visando à perfeição. Por conseguinte, essa mesma mulher abre mão de vontades e anseios que não são aceitos.

O capítulo final, “Desejos para um mundo Pós-F”, oferece a hipótese de um mundo pós-feminismo, em que a ignorância – na concepção da autora, o maior problema do século XXI – seja extinta. Em consequência disso, todas teriam mais liberdade de se expor, de mostrar os seios, as nádegas, não sendo mais necessário usar o feminismo como escudo, fazendo o que desejar com sua liberdade.

Acho que devo retificar a informação de que não me arrependo de nada: gostaria de não ter vivido algumas coisas. Talvez, talvez, eu apenas quisesse ter feito outros caminhos, só para comprovar que não é necessária a dor para se alcançar algo. Não suporto quando dizem que eu não seria quem sou se não tivesse sofrido. Penso que esse discurso é grosseiro. E se me ocupo em instigar artes nas pessoas, devo defender que qualquer estereótipo para o artista é uma burrice. Caso eu consiga ajudar uma pessoa, fazê-la crer que irá conseguir, ao menos poderei aceitar que não foi em vão. (YOUNG, 2019, p.99).

O viver na modernidade significa estar pronto para as surpresas e riscos que desestabilizam a visão do futuro e a relação entre passado e presente, ocasionando em certas circunstâncias, uma sensação de desorientação, presente na sociedade e na vida íntima de cada um. Fernanda Young, em seu livro, apresenta um mundo Pós-Feminino, que iria se estender além do feminino e masculino.

Seus pensamentos sobre um mundo futuro, em que a sexualidade da mulher seria superada, representa também um mundo Pós-Fernanda, que faleceu em agosto de 2019. Pode-se dizer que sua obra representa uma autobiografia que produz, representa e conduz o que foi e perpetuou em sua vida. Não aceitou normas, cumpriu a liberdade *do ser artista, do ser mulher*, refletindo em seu texto não apenas o que foi, mas o que projetou de si mesma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Marta. *A mulher (trans)formada na ficção de Fernanda Young*, 2014. 119 páginas. (Dissertação Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

FOCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

YOUNG, Fernanda. *Pós-F.: para além do masculino e do feminino* / Fernanda Young. – São Paulo: LeYa, 2019.

